

Carta semanal 35 (2018): A experiência é um pente que a vida nos dá quando já não temos cabelos



Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**

Desde março, os palestinos em Gaza caminharam em direção a proximidade de uma fronteira com Israel. Eles são destemidos. Quase duzentos palestinos foram mortos neste protesto amplamente pacífico. Em junho, a Assembleia Geral da ONU votou por condenar o uso de Israel de “força excessiva, desproporcional e indiscriminada” contra os palestinos. O embaixador da Argélia na ONU – Sabri Boukadoum – disse que as ações de Israel não pouparam crianças, mulheres, idosos, enfermeiros ou trabalhadores humanitários. Israel disse que “de uma maneira premeditada prejudicou os palestinos”. Em 22 de outubro, Mustafa Hassona, da Agência Anadolu, tirou a foto acima. Mustafa tirou algumas fotografias fabulosas da Grande Marcha do Retorno, a luta extraordinariamente corajosa do povo palestino para expor a ocupação israelense e enfatizar

sua própria resiliência. Os palestinos têm uma palavra para essa resiliência – *sumud* (صمود). Os seres humanos – sob quaisquer circunstâncias – são resilientes, firmes, desafiadores. O absurdo define nossos tempos. E ainda assim, as pessoas são resistentes. *Sumud*.



A resiliência é necessária no Brasil, onde as pessoas vão votar em seu presidente neste domingo. Sua escolha é inflexível – Jair Bolsonaro, um fascista próximo, ou Fernando Haddad, um homem humano e decente. Bolsonaro não é único. Ele faz parte de um padrão que inclui Duterte das Filipinas, Orban da Hungria e Trump dos Estados Unidos. Esses são demagogos de direita que – enquanto escrevo para o *Salon* – estão no pódio “com ácido nos lábios”, apontando suas “armas para migrantes e refugiados, para os pobres do campo e da cidade aflitos. Para eles, a marginalidade social é o crime”. Esses neofascistas pouco se importam com problemas sociais reais; “Eles estão muito ocupados lubrificando suas armas” (para mais informações sobre neofascistas, leia nosso **Documento de Trabalho n. 1 do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**).

Nosso escritório em Buenos Aires divulgou um **comunicado** sobre essa eleição no Brasil. Eles dizem que a vitória de Bolsonaro “representa uma grave ameaça aos direitos democráticos e sociais no Brasil e ameaça reverter avanços feitos pelos movimentos populares”. A violência dos partidários de Bolsonaro, observa o comunicado, “nos dá um gosto amargo de como seria uma administração Bolsonaro”. Seu governo vai atacar os direitos trabalhistas, aumentar a privatização, acabar com as restrições legais à exploração da natureza e asfixiar a educação pública. Uma vitória de Bolsonaro mudará a agilidade política não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina. A equipe do nosso escritório de Buenos Aires escrevem que “rejeitam a direção fascista e neoliberal no Brasil”. A declaração termina – Este é o momento de se unir. Não ao fascismo! Não ao neoliberalismo! As pesquisas estão próximas, com o Instituto Ibope mostrando Haddad na liderança em São Paulo, onde ele só tinha 20% no primeiro turno. Isso é um sinal de esperança?



Aspereza não é apenas o clima político dos neofascistas. Ele define o mundo social cotidiano dos trabalhadores em todo o mundo. No ano passado, uma equipe de jovens jornalistas da Malásia – R.-AGE – publicou uma **história** de ferir os dentes em trabalhadores que vivem em um kongsi, a moradia improvisada para trabalhadores da construção civil. Muitos dos trabalhadores são de Bangladesh. Quando a equipe pergunta sobre o alojamento dos trabalhadores, um trabalhador diz que as condições são “piores do que os depósitos de lixo nas favelas de Bangladesh”. Suas casas costumam pegar fogo, os trabalhadores são feridos ou mortos – com pouca preocupação de qualquer outra pessoa que não seus familiares e amigos. Essa história me lembrou das muitas histórias sobre incêndios na África do Sul e – especialmente – de uma **história** da Nação Nyoka sobre um incêndio no assentamento Good Hope perto de Johannesburgo. Isso me lembrou uma **história** de Matheus Hamutenya sobre as casas de junco propensas a incêndios que seguraram os trabalhadores da uva da Namíbia. Ester Marius disse que ela economiza dinheiro para sua família, vive sem água e eletricidade, mas deseja que “as coisas melhorem um dia”. Em Gujarat (Índia), os trabalhadores da energia residem em choupanas adjacentes às suas fábricas (conforme relatado por Reetika Revathy Subramanian nesta poderosa **história**). Nas paredes das salas congestionadas, os trabalhadores esculpem seus nomes em sua língua nativa – uma maneira de entrar na história antes de serem mortos pelas máquinas ou pela tuberculose.

Tal paisagem social, um mundo onde os trabalhadores são explorados e onde a vida está vazia, está tão longe quanto possível do que se vê no mundo das propagandas, Karl Marx, no Capítulo 10 do Capital (1867), descreveu essas condições,

Em sua paixão cega e desenfreada, sua fome de lobo pelo excesso de trabalho, o capital ultrapassa não apenas os limites morais, mas até mesmo os limites máximos físicos do dia de trabalho. Ele usurpa o tempo para o crescimento, desenvolvimento e manutenção saudável do corpo. Ele rouba o tempo necessário para o consumo de ar fresco e luz solar. Tudo o que diz respeito a isso é simplesmente e unicamente o máximo de força de trabalho que pode se tornar fluente em um dia de trabalho. Atinge esse fim encurtando a extensão da vida do trabalhador, pois um agricultor ganancioso extrai o produto do solo reduzindo sua fertilidade.

Isso poderia ter sido escrito ontem.

No início deste ano, visitei meu amigo, o fotógrafo Shahidul Alam, em Dhaka (Bangladesh). Ele me mostrou seu trabalho sobre os migrantes de Bangladesh no sudeste da Ásia. Ele **documenta** como esses trabalhadores mal conhecem seus filhos. Shahidul permanece na prisão em Bangladesh. Ele foi preso por documentar os protestos de jovens, muitos dos quais são provavelmente os filhos desses trabalhadores migrantes. Rachel Spence escreveu um **ensaio** comovente sobre seu contínuo encarceramento. Shahidul, na prisão, se preocupa com a falta de roupas de seus companheiros de cela. Muitos deles têm famílias através das águas que enviam divisas preciosas para Bangladesh.



Milhares de pessoas comuns da América Central, como os muitos milhões em marcha pelo mundo, estão em busca de uma vida melhor. Seus países foram devastados por guerras civis e por intervenções militares dos EUA, pela mudança climática e por políticas comerciais injustas (ver esta **reportagem** de Zoe PC no *People's Dispatch*). Pouco resta para eles em casa. Eles carregam algumas coisas e andam o mais longe possível. Se você

olhar nos olhos deles, verá a humanidade; se você os vir de longe, verá – como disse Donald Trump – um “exército”. Na foto acima, alguns dos que estão nessa longa marcha para o norte estão dormindo em Chiquimula (Guatemala) – bem no meio do “corredor da violência”, dominado pelos cartéis de drogas que incluem as forças policiais locais. A cidade de Chiquimula sofre de extrema pobreza e uma taxa de homicídio duas vezes a média da Guatemala. Ataque cardíaco é o principal assassino em Chiquimula. Tiros seguem logo atrás. Por que um ser humano não buscaria uma vida melhor?



Em 2015, o Fundo Monetário Internacional – mostrou em um **estudo** que a desigualdade de renda e a desigualdade de gênero são “fortemente interligadas”. De fato, estudos mostram que, quando se trata de condições de trabalho, fome e educação, o sistema social e econômico coloca as mulheres em desvantagem.

Esses números são universais – inalterados pela cultura. Este sistema é mantido em vigor por assédio sexual e violação. A lei de assédio sexual da Índia – em 1997 – foi produzida a partir de um caso legal construído sobre o gangrape de uma mulher dalit – Bhanwari Devi – em 1992. A Suprema Corte usou esse caso para formular diretrizes rígidas para os locais de trabalho. O caso de Bhanwari Devi contra os cinco homens que a estupraram, no entanto, ainda persiste nos tribunais. Ela ainda não recebeu justiça.

O movimento #MeToo (#EuTambém) na Índia se concentrou em assédio sexual e estupro no local de trabalho. A imagem acima é extraída de um livro de Shoromona Das, que aparecerá em breve no **LeftWord Books**. Falei recentemente com Raya Sarkar, uma das líderes do movimento #MeToo, que me **contou**: “Acredito que no cerne de qualquer movimento de libertação deve ser o mais vulnerável, neste caso as mulheres que trabalham no setor informal na Índia, que não têm proteções trabalhistas e muitas vezes pertencem a comunidades marginalizadas. O movimento está perdendo as vozes de mais mulheres Dalit e Adivasi e espero que possamos mudar isso”. Srila Roy escreveu um ensaio muito útil para apresentar a **versão** indiana do #MeToo na conjuntura. Os direitos ao local de trabalho espelham outros direitos na sociedade. Em Kerala, atualmente existe uma luta pelo acesso das mulheres ao templo de Sabarimala. O ministro-chefe Pinarayi Vijayan, do Partido Comunista da Índia (Marxista) fez um **discurso** recentemente, dizendo que “Nossos líderes do renascimento nos ensinaram que alguns costumes devem ser quebrados”. Na Índia, diz Vijayan, há uma tradição de quebra de regras.

O governo da esquerda quebrou outra regra no estado. Agora, é obrigatório que os trabalhadores nos locais de trabalho – especialmente as mulheres em lojas de varejo – tenham o **direito de sentar-se**.

A imagem acima – de um trabalhador de vestuário em Dhaka se preparando para ir trabalhar de seu apartamento nu – é tirada por Taslima Akhter, uma das alunas de Shahidul.



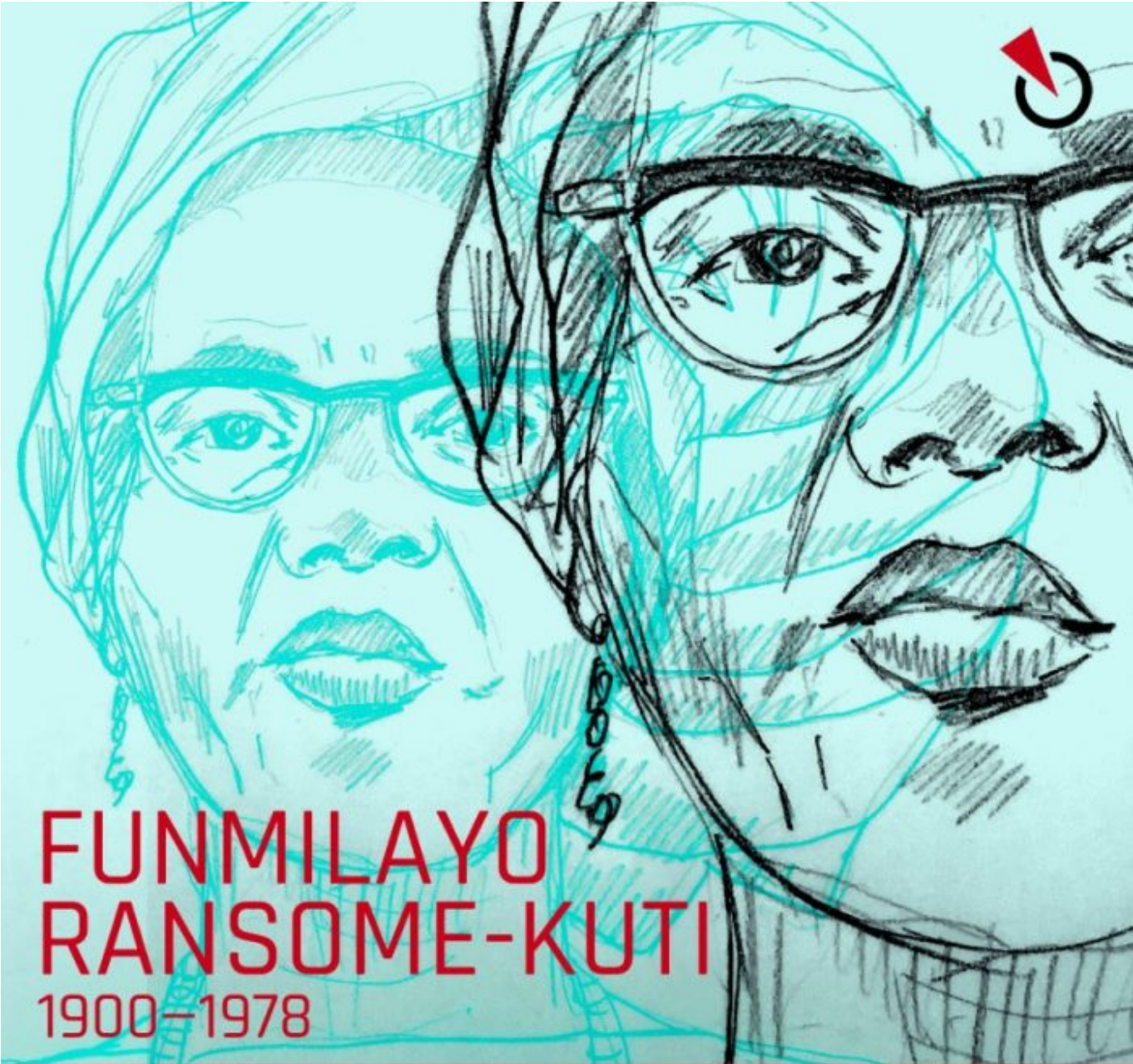
Até 4 de novembro, o governo dos EUA fará duras sanções contra o Irã. Países como a Índia, o Japão e o Sri Lanka – cada um com diversas afiliações políticas – não poderão acabar com a compra de petróleo iraniano. Os EUA não podem impedir a compra de petróleo iraniano. Só pode bloquear o uso de sistemas bancários dominados pelos EUA para pagar por esse petróleo. Rumores de um novo sistema bancário estão no horizonte (eu passo dez minutos **falando** sobre isso no Real News). De tais novas iniciativas pode vir uma alternativa para a agenda neofascista – um mundo multipolar. É melhor que a guerra. A imagem acima é de Ghobad Shiva, o artista iraniano. Foi elaborado em 2007, na época em que os Estados Unidos reforçaram as sanções contra o país de Shiva.

Lições do período fascista no século passado não parecem ter sido digeridas. Mao Tse Tung citou um antigo

provérbio chinês – *a experiência é um pente que a vida te dá quando já não tem mais cabelo.*

Cordialmente, Vijay.

Abaixo, nossa imagem da semana. Celebramos o nascimento de Olufunmilayo Ransome-Kuti (1900-1978), a militante anti-colonial, feminista e socialista nigeriana. Ela organizou milhares de mulheres – e foi presa por isso – através da União das Mulheres de Abeokuta (AWU) contra a tributação colonial e pelos direitos das mulheres. O AWU cresceu através de linhas regionais e étnicas para se tornar a União Feminina da Nigéria, e muitos de seus membros tornaram-se ativos na luta pela independência. Ransome-Kuti tornou-se a primeira mulher a ocupar um cargo executivo no Conselho Nacional da Nigéria e em Camarões. Em 1978, ela foi jogada de uma janela por soldados militares na casa de seu filho – o músico e ativista Fela Kuti. Ela mais tarde morreu devido a esses ferimentos.



**FUNMILAYO
RANSOME-KUTI**
1900–1978